O surgimento dos apócrifos no cristianismo primitivo

Cleandro de Oliveira Pessoa[1]

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo identificar o surgimento da literatura extracanônica nos primórdios do cristianismo primitivo. Frente aos vários cristianismos existentes e influentes, os escritos apócrifos ao longo da história foram ganhando novas conotações e sendo classificados para melhor compreensão dos estudos bíblicos. A metodologia aplicada consiste em pesquisa bibliográfica. Observa-se que a literatura extracanônica teve sua importância para os primórdios do cristianismo frente à decisão de canonicidade das Sagradas Escrituras. O que permite concluir que, mesmo sendo escritos surgidos nas várias faces do cristianismo primitivo e rejeitados ao longo dos séculos, eles possuíam seu espaço nas comunidades cristãs e, hoje, devem ser levados em consideração para uma melhor compreensão da Escritura Canônica.

Palavras-chave: Apócrifos. Jesus. Escrituras. Cristianismo primitivo. Gnose.

Introdução

O objetivo do trabalho é esclarecer melhor o surgimento da literatura extracanônica no cristianismo primitivo. Parte dessa literatura passou a ser chamada canônica e a outra extracanônica ou apócrifa. Alguns aspectos foram chave para compreender melhor a literatura no pensamento dos primórdios do cristianismo. Mas como essa literatura era conhecida? Os apócrifos foram divididos por gênero como também foram classificados para melhor compreensão de seus textos.

1 Os vários cristianismos existentes

Jesus Cristo saiu de sua aldeia e pelos campos e cidades começou a anunciar ao mundo uma nova mensagem de amor, fé e liberdade. Tentando delinear o perfil de

[1] Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP; Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza – FCF. Especialista em Qualificação de formadores e formadoras pela Faculdade Católica de Fortaleza – FCF. Mestrando em Teologia na linha de pesquisa: Bíblia e interpretações na UNICAP. *E-mail: cleandroliveira@yahoo.com.br*.

Jesus, foram surgindo vários movimentos que se estabeleceram entre os cristãos dos primeiros séculos. Dentre os movimentos filosóficos e religiosos que interpretavam Jesus, destacamos cinco aspectos que foram a chave para compreender o pensamento cristão: Cristianismo Judaico, Helenista, Apocalíptico, Ortodoxo Primitivo e Gnóstico.

1.1 Cristianismo judaico

Encontramos o cristianismo judaico (DUNN, 2009, p. 357-396) em At 5, 33-39: os primeiros cristãos eram judeus. Consideravam-se o clímax do judaísmo (Gl 6, 16; Mt 19, 28; Lc 22, 29 ss.); aparentemente observavam as leis sem questionar nem interpretar; eram ligados ao templo, assistindo diariamente as orações (At 2, 46; 3,1); acreditavam na parusia de Jesus, o Filho do Homem, Messias e Senhor (Mt 8, 20); não pensavam nos gentios nem em uma missão fora de Jerusalém (At 1, 6. 21s; 2, 39; 3, 25; 5, 31; Mt 10, 5; 23; 15, 24). Os cristãos primitivos não eram simplesmente judeus, mas continuavam sendo judeus bem ortodoxos, o que os diferenciava dos judeus era sua crença em Jesus como messias e ressuscitado e a crença dos últimos dias. Devemos perceber, portanto, que é esse o grupo com o qual o próprio cristianismo começou.

1.2 Cristianismo helenístico

Espalhando-se o cristianismo pela Palestina e outros lugares, começa a larga escala do cristianismo em direção aos gregos (At 11, 20). E foram eles que começaram a abrir o cristianismo para influências predominantes dentro da religião e da cultura grega. O cristianismo helenístico (DUNN, 2009, p. 397-452) deixou para trás as formulações primitivas da nova fé (At 6; 15; Rm 16, 17s; 1Cor 5-6; 2 Cor 12, 21; Fl 3, 18s), combatendo o gnosticismo (1Cor 2, 6-3.4; 1Cor 8-10).

1.3 Cristianismo apocalíptico

O cristianismo apocalíptico (DUNN; RUSSELL, 1997, p. 33-34) é tanto historicamente como teologicamente uma das mais importantes expressões da fé cristã, pois desde o século I até o início da Idade Média foi produzida uma literatura

apocalíptica. O cristianismo surgiu de um meio orientado para uma perspectiva apocalíptica que era cristocêntrica: a esperança está em Cristo; a esperança futura está ligada com os eventos do passado. Essa literatura surgiu mais ou menos entre 250 a.C e 100 d.C.

1.4 Cristianismo ortodoxo primitivo

Há indícios de que o cristianismo ortodoxo primitivo (DUNN, 2009, p. 493-524) tenha começado no Segundo Testamento[2] com as cartas pastorais, Efésios e II Pedro. Seria ele o solidificador e padronizador de formas e esquemas que foram mais espontâneas na primeira geração; que absorveu os elementos mais sustentadores do cristianismo helenístico e judaico e que os cristãos dos séculos II e III incorporaram para si, possibilitando-os escolher entre ortodoxia e heresia. Seria ele a institucionalização gradual (Ef 1, 22; 3, 10, 21; 5, 23-25, 27, 29, 32). Lucas já o retratava uniforme e unificado (At 6; 9; 15; Gl 2; Lc 1-2; 4, 9ss; 9, 51-19, 46), mostrando Jerusalém como centro do cristianismo.

O que marca o cristianismo ortodoxo primitivo não é simplesmente a estrutura ou a transmissão de tradição, mas a cristalização de tradições em formas estabelecidas, sem podê-las reinterpretar e remediar, negar ou limitar a poucas seleções.

1.5 Cristianismo gnóstico

O cristianismo gnóstico (LAYTON, 2002, p. 5-9) está dividido em várias correntes de pensamento, formando assim esses vários movimentos: Adocionitas, séc. I; Nicolaítas, séc. I; Docetistas, séc. II; Ebionitas, séc. II; Arianos, séc. III; Apolinaristas, séc. IV; Donatistas, séc. IV; Fibionitas, séc. IV; Pelagianismo, séc. IV; Subordinacionistas, séc, IV; e Nestorianistas, séc. V[3].

[2] Em uma atitude ecumênica para com os judeus, vamos utilizar a terminologia Primeiro Testamento (PT) e Segundo Testamento (ST) no lugar das siglas tradicionais, Antigo Testamento (AT) e Novo Testamento (NT).

[3] Todos esses movimentos podem ser encontrados nas referências bibliográficas citadas: CESAREIA, Eusébio. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000; EHRMAN, Bart. D. *Evangelhos perdidos*: As batalhas pela escritura e os cristianismos que não chegamos a conhecer. Rio de Janeiro: Record, 2008; FRANGIOTTI, Roque. *História das heresias*: séculos I-VII: conflitos ideológicos dentro do cristianismo.

A autodenominação original do Gnosticismo, "gnósticos", era um nome estranho aos que falavam grego no século II. Esse termo remonta ao tempo de Platão. Sua origem é muito discutida entre os estudiosos do assunto, mas acredita-se que o gnosticismo tinha nascido de uma helenização do judaísmo e de suas tradições acerca da sabedoria. Nossas únicas informações sobre o gnosticismo eram os escritos dos padres ortodoxos e proto-ortodoxos que se opuseram ao movimento, escritores como Irineu, bispo de Lião. Com a descoberta arqueológica dos manuscritos de Nag Hammadi, em 1945, o gnosticismo passou a ser estudado com mais intensidade. Os gnósticos buscavam a sabedoria como meio de alcançar Deus.

O gnosticismo era um entre os vários corpos de escritura cristã em competição, correspondendo a uma opção ou denominação disponível para os antigos cristãos em qualquer lugar. Havia, como visto antes, outros cristianismos que foram influenciados por essas cinco correntes de pensamento.

Esses cristianismos o representavam dessa maneira: 1. Cristianismo dos ditos de Jesus (Fonte Q, Tomé); 2. da cura e do caminho (Marcos); 3. do Jesus Filho de Deus, messias e seguidor do judaísmo (Mateus); 4. da salvação para judeus e não judeus (Lucas); 5. do discurso teológico (João); 6. do Jesus ressuscitado e glorioso (Paulo). 7. histórico e revolucionário (Tiago e Tomé); 8. do Jesus ressuscitado que mora em cada um de nós de forma integrada e nos convida, a viver, testemunhar a harmonia (Maria Madalena); 9. gnóstico, no qual Jesus, o ressuscitado traz a salvação (Filipe, Tomé e Maria Madalena); 10. da apostolicidade, organização comunitária e hierárquica da comunidade para garantir a pregação da Boa Nova (Atos e cartas de Paulo).

Sabemos que a gnose foi um cristianismo que influenciou bastante o pensamento cristão dos primeiros séculos, com sua literatura vasta e muitas vezes contrária aos ensinamentos dos apóstolos, mas também ela não foi a única literatura apócrifa que existiu, houve também a literatura de cunho cristão que falava sobre a vida de Jesus e de seus apóstolos distinta da gnose. Mas como era conhecida a literatura apócrifa ao longo dos anos? Como era dividida e classificada?

São Paulo: Paulus, 1995; LIÃO, Irineu. *Irineu de Lião*: I, II, III, IV, V livros. São Paulo: Paulus, 1995; PAGELS, Elaine. *Evangelhos gnósticos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

2 Apócrifos, como são conhecidos?

O termo *"apócrifo"* provém do grego (ἀπόκρυφος = apókryphos), significa literalmente *"oculto", "escondido", "secreto"*. Entre os estudiosos, considera-se o termo a tradução do substantivo hebraico *Ganûz*, o qual designa os livros não usados na liturgia. Outros estudiosos acham muito mais provável que esse termo fizesse parte da terminologia gnóstica pagã. Ele significa alguma coisa "mantida escondida por causa de sua preciosidade" ou "por causa de seu conteúdo reprovável", ou "de origem desconhecida", não se trata em todo caso, de escritos cuja leitura fosse proibida aos judeus ou aos cristãos, mas de livros secretos e preciosos para os gnósticos.

Historicamente, muitas foram as definições do termo, a saber: 1. Textos não inspirados e, por isso, não-canônicos; 2. precioso e, por isso, mantido em segredo; 3. falsificado no conteúdo ou título; 4. não usado na liturgia das primeiras comunidades cristãs; 5. estilos literários diversos; 6. ter conteúdo não aceito; 7. de uso restrito; 8. de origem desconhecida. Os evangélicos/protestantes chamam os apócrifos católicos de Pseudepígrafos[4], e usam a terminologia apócrifo para designar os deuterocanônicos (Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, 1 e 2Macabeus).

Segundo Frei Jacir de Freitas Faria (2009, p. 30), melhor seria não usar a terminologia Pseudepígrafo, pois ela possui conotação pejorativa. Para o Frei, apócrifo é aquilo que está oculto, pois a maioria desses livros eram usados por pessoas e comunidades de forma escondida das autoridades religiosas judaicas e cristãs. Para Caetano Minette de Tillesse (2000, p. 259-262), chamar essa literatura de apócrifos não se parece adequado, propondo chamá-los de Literatura Extracanônica, que, segundo o estudioso, é apenas um título empírico para nomear a literatura antiga, judaica ou cristã que não obteve o reconhecimento oficial da comunidade judaica ou cristã.

2.1 Divisão dos apócrifos por gênero.

Alguns autores dividem o gênero da literatura apócrifa de várias maneiras

[4] O substantivo pseudepígrafo é a junção de pseudo (Falso), com epígrafos (Título), do qual deriva a definição: *"o que tem título falso".*

como, por exemplo: Minette de Tillesse (2003, p. 568-569) os divide em Evangelhos, Escritos apostólicos, Cartas e Apocalipses; já Frei Jacir (2009, p. 32) os divide em Evangelhos, Atos, Epístolas e Apocalipses; enquanto Gerd Theissen os qualifica em vários grupos de escritos: Apócrifos Neotestamentários, Padres Apostólicos e Agrapha. Ficaremos, em nossa exposição, com a divisão de Frei Jacir que já foi citado acima, por ser mais simples e por compreender evangelhos, atos, epístolas, apocalipses e outros escritos.

Evangelhos: Armênio da infância de Jesus, André, Árabe da infância de Jesus, Ascensão de Tiago, Bartolomeu, Barnabé, Descida de Cristo aos infernos ou Nicodemos, Desconhecido ou Egerton II, Ebionitas, Egípcios etc. Atos: Atos de André, A filha de Pedro, Atos de Pedro, Atos dos doze apóstolos, Barnabé, Bartolomeu, Berlim, Cairo, Coptas, Fayum, Fragmentos de evangelhos, dentre outros. *Epístolas:* Abgar a Cristo, A cura de Tibério, A morte de Pilatos, Atos de Pilatos, A vingança do Salvador, Carta aos Alexandrinos, Carta dos Apóstolos, Carta de Barnabé, Carta ou Apocalipse de Tiago, Carta de Nicodemos, Clemente a Tiago etc. *Apocalipses:* Apocalipse de Estevão, Apocalipse de João, Apocalipse de Paulo, Apocalipse de Pedro, Apocalipse de Tomé, Apocalipse da Virgem, Carta de Pedro, Carta de Tiago.

2.2 A classificação dos livros extracanônicos

Torna-se algo temeroso classificar esses livros, mas nosso interesse em classificá-los nasce da necessidade de romper com os rótulos de *"falsos"* e *"mentirosos"* que lhes são atribuídos. Sabendo da importância que eles possuem para o mundo dos estudiosos, procuramos seguir princípios acadêmicos, hermenêuticos e históricos, propondo uma releitura pastoral dessa literatura extracanônica, classificando-os em *Aberrantes, Complementares e Alternativos* (FARIAS, 2009, p. 41-51).

Chamamos de Literatura Extracanônica Aberrante quando o texto exagera na descrição de fatos sobre Jesus e sobre seus seguidores ou que não concorda com a literatura canônica. Como exemplo dessa literatura aberrante, temos a que apresenta o menino Jesus que mata e não respeita autoridades. Podemos encontrar essa literatura aberrante nos livros: Abgar a Cristo, Apocalipse de Tomé, Apocalipse de

Paulo, A vingança do Salvador, Evangelho Árabe da Infância de Jesus, Evangelho Armênio da Infância de Jesus, Evangelho da Infância do Salvador e vários outros.

Já a Literatura Extracanônica Complementar é aquela que complementa o conteúdo do texto canônico sem diminuir a sua importância de texto inspirado. Ele também apresenta o posicionamento eclesial ou teológico do cristianismo ortodoxo. A maioria da literatura apócrifa é complementar, embora tenha ao mesmo tempo algo de Aberrante e Alternativo. São temas dessa literatura a fundação das igrejas e a sagração de bispos pelos apóstolos; os irmãos de Jesus são filhos de José com sua primeira esposa. Os livros que trazem essa literatura complementar são: A cura a Tibério, Apocalipse de Pedro, Atos de André, Atos de Pedro, Atos dos doze apóstolos, Atos Barnabé, Atos Bartolomeu, Atos de Filipe, Atos de João, Atos de Judas Tadeu e Simão, Atos de Mateus, Atos de Paulo, Atos de Pilatos, Atos de Tecla, Atos de Tiago – irmão do Senhor, Atos de Tomé e outros.

Entendemos por Literatura Extracanônica Alternativa, a literatura que apresenta uma forma de cristianismo alternativo e diferente daquele que se tornou ortodoxo. Esses livros passaram por batalhas teológicas com o cristianismo ortodoxo e foram excluídos da lista dos livros inspirados. Essa literatura falava sobre a mulher como apóstola de Jesus e exercia liderança na comunidade. Encontramos essa literatura nos livros: A filha de Pedro, Apocalipse de Pedro, Carta ou Apocalipse de Tiago, Diálogo do Salvador, Evangelho dos Egípcios etc.

Considerações finais

A partir da pregação e da vida de Jesus as pessoas foram sendo atraídas passando a segui-lo, surgindo, assim, o cristianismo com sua literatura que foi crescendo. Nos séculos III e IV, essa literatura foi canonizada como norma de fé e outra parte dela foi excluída, conhecida como apócrifa. Esses escritos extracanônicos foram, um dia, fonte de fé para alguns grupos e, por isso, merecem nossa atenção enquanto vivência e comportamento dos cristãos nos primórdios do cristianismo, para melhor compreendermos nossa fé cristã também hoje muito diversificada quanto aos estudos bíblicos.

Referências

BOCK, Darrell L. *Os evangelhos perdidos*: a verdade por trás dos textos que não entraram na bíblia. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

CESAREIA, Eusébio. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.

DUNN, James D.G. *Unidade e diversidade no Novo Testamento*: um estudo das características dos primórdios do cristianismo. Santo André: Academia Cristã, 2009.

FARIA, Jacir de Freitas. *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos* – poder e heresia! Introdução crítica e histórica a bíblia apócrifa do Segundo Testamento. Petrópolis: Vozes, 2009.

FRANGIOTTI, Roque. *História das heresias: séculos I-VII*: conflitos ideológicos dentro do cristianismo. São Paulo: Paulus, 1995.

LAYTON, Bentley. *As escrituras gnósticas*. São Paulo: Loyola, 2002.

LIÃO, Irineu*. Irineu de Lião: I, II, III, IV, V livros*. São Paulo: Paulus, 1995.

MINETTE DE TILLESSE, Caetano. Apócrifos do Novo Testamento. *Revista Bíblica Brasileira*. Fortaleza: Nova Jerusalém, Vol I. Ano 20-21. n.1-2 – 2003.

MINETTE DE TILLESSE, Caetano. Literatura Extra-canônica. *Revista Bíblica Brasileira*. Fortaleza: Nova Jerusalém, Vol II. Ano 17. n. 1-2-3 – 2000

RUSSELL, D.S. *Desvelamento divino*: uma introdução à apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 1997.